

Formação em cartilagem articular

O 1.º Curso Teórico-Prático de Cartilagem Articular, que decorreu a 21 de Novembro, no Teatro Aberto, em Lisboa, excedeu as expectativas em termos de participantes. Os 147 formandos puderam ampliar conhecimentos nesta área.

Texto de **Rute Barbedo**



As características da cartilagem, a cultura celular, a imagiologia, a farmacoterapia, os factores de crescimento, a mosaicoplastia, os enxertos osteocartilagíneos preservados e o transplante da cultura autóloga de condrócitos em meio sólido foram alguns temas da formação organizada pelo Grupo de Estudo da Cartilagem, Prevenção e Tratamento da Artrose.

«O nível científico foi elevado, mercê da diferenciação da Comissão Científica e das intervenções», resumiu o Dr. João Salgueiro, coordenador do Curso. Na área da cartilagem articular, «o cirurgião ortopédico deve interferir na prevenção e no tratamento adequado», considera o ortopedista. Aliás, «ele não deverá ser o elo final, resumindo-se quase sempre à substituição da articulação por prótese».

Contudo, o coordenador ressaltou que «a cirurgia protésica é muito importante, devendo apenas ser criteriosamente proposta». Passando ou não pela artroplastia,

a solução deve ser fruto do conhecimento de diferentes agentes, o que justificou o carácter multidisciplinar do Curso.

A artrose é um dos principais problemas nesta área e constitui «um autêntico flagelo em termos de morbilidade». Por isso, também se procuram novas soluções de tratamento. «A atribuição recente de um Prémio Nobel à investigação da terapêutica com transdução celular é evidência do despontar da terapêutica genética», notou João Salgueiro.

O especialista salientou possibilidades como a cultura de células e a engenharia de tecidos, que permitem a substituição da zona lesionada por um tecido idêntico ao nativo, após a transplantação da cultura autóloga de condrócitos.

DETECTAR A ARTROSE ANTES DA DOR

Abordando a vertente da farmacoterapia, a Prof.ª Alexandrina Mendes, da Faculdade de Farmácia da Universidade de

NA «FRONTEIRA DA IMORTALIDADE»

A Dr.ª Carmo Ornelas, virologista do Instituto Português de Oncologia (IPO) de Lisboa, falou sobre o tema «Da cultura de células à lâmpada do Aladino», em conjunto com o Dr. Luís Banha, também do IPO. A especialista frisou que «a descoberta das células estaminais induzidas por Shinya Yamanaka coloca a ciência na fronteira da imortalidade, tal como a reprogramação do ciclo celular (destacando-se a descoberta do gene Nanog)».

A virologista salienta que «as células estaminais da pele humana são um dos futuros da Medicina regenerativa». Ainda que a ciência não seja capaz de fazer «órgãos à medida», o conceito de «células à medida» pode resolver diversas patologias. Luís Banha exemplificou: «Os condrócitos podem resolver lesões da cartilagem, enquanto as células estaminais do cordão umbilical são utilizadas para problemas hematológicos e os mioblastos são usados em lesões do músculo cardíaco, após enfartes do miocárdio.»

Na sua apresentação – «Do Bico de Bunsen às Salas Brancas» –, ficou patente que o futuro pode passar pelas células estaminais induzidas. «Com elas, ultrapassámos os problemas éticos e religiosos apresentados pelas células estaminais embrionárias humanas», acrescentou Luís Banha.

Coimbra, alertou para a vasta panóplia de alternativas disponíveis, salientando que «o maior desafio actual consiste na detecção precoce da artrose, que aumenta a probabilidade de eficácia da terapêutica». O problema é que, «muitas vezes, quando há sinais e sintomas, a lesão já está numa fase avançada e a terapêutica tem poucas probabilidades de ser eficaz», alertou a especialista.

O desenvolvimento e identificação de novos biomarcadores pode permitir a detecção precoce. Ainda assim, «em relação à artrose, prevalece a noção da inevitabilidade, o que leva as pessoas a irem ao médico apenas quando a dor se torna insuportável», afirma Alexandrina Mendes. Perante este cenário, «muitas vezes, a única solução é a cirurgia».

O Prof. Fernando Judas, chefe de ser-

viço de Ortopedia dos Hospitais da Universidade de Coimbra, que falou sobre os «Enxertos Osteocartilagíneos Preservados», juntamente com o seu colega Dr. Armando Pires, do mesmo Hospital, distinguiu as várias técnicas de tratamento dos defeitos osteocondrais. Nos defeitos de pequenas dimensões, há microfurgens ou mosaicoplastias que implicam a cultura de condrócitos na sua aplicação.

«Mas se o defeito condral ou osteocondral tiver grandes dimensões, surgem dificuldades», referiu Fernando Judas. Aqui, a opção (para evitar métodos mais agressivos) passa pelos enxertos osteocartilagíneos criopreservados, que são «seguros e não-imunogénicos». Ainda assim, esta alternativa apenas é utilizada «para evitar a aplicação de próteses», complementa o Dr. Armando Pires. **lra**

CELECOXIB
SOLEXA

Número Verde
800 204 661

LABORATÓRIO MEDINFAR - PRODUTOS FARMACÉUTICOS, S.A. - Rua Manuel Ribeiro Pavia, 1 - 1.ª, Venda Nova 2700-547 AMADORA - Tel.: 21 499 74 00 - Fax: 21 499 74 97
Capital Social 7.000.000,00 - Contribuinte nº 500 384 045 - www.medinfar.pt - Sob licença dos Laboratórios Pfizer.

MEDINFAR
Compromisso com a Saúde